



## **O MONITORAMENTO DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO NOS BANCOS DE DADOS EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO BRASIL**

**Janaína Gomes**

Mestranda do PPGCOM/UFRGS

**Lisiane Alpi Monteiro**

Iniciação Científica – Biblioteconomia/UFRGS

### **Resumo**

Este trabalho pretende atualizar o estudo sobre a área de Comunicação nos Bancos de dados de C&T do Brasil. No Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (Censo 2002), houve um crescimento da pesquisa em Comunicação no Brasil, que antes representava 0,8% dos grupos do país, para 1,06%, quase o dobro do censo anterior. Atualmente trabalham na área 161 grupos de pesquisa, com a participação de 701 pesquisadores, dos quais 363 são doutores. Há concentração desses grupos nas regiões sul-sudeste, correspondendo (61,5% do total da área) e dos cursos de Pós-Graduação (PG), 79%, demonstrando uma pequena diluição dessa concentração regional. Algumas características da área foram confirmadas: concentração de muitos pesquisadores doutores em poucos grupos e linhas de pesquisa e baixa participação de estudantes de PG nos grupos.

**Palavras-chave:** Informação, Informação e Gestão em C&T, Comunicação.

### **1 Introdução**

O presente trabalho tem como objetivo atualizar o trabalho apresentado no XII Endocom realizado em Salvador, 2002, apresentando alguns dados da área de Comunicação no Brasil a partir do acesso aos bancos de dados brasileiros e internacionais em C&T. Em última análise, pretende-se atualizar e verificar as tendências na capacitação, no potencial de crescimento e as características da comunidade científica que atua na área e participa ativamente no processo de sua consolidação através do censo 2002 do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP).



A partir do diagnóstico feito por GOMES (2002), o trabalho pretende também evidenciar a importância do acesso às bases de dados para estudos específicos apresentando resultados continuados dessas bases de dados, servindo como introdução ao mapeamento da área de Comunicação para aprofundar a identificação de demandas de atuação da pesquisa nesta área do conhecimento através de informações veiculadas, quase em sua totalidade, via Internet com acesso irrestrito e gratuito.

## 2 Indicadores de Pesquisa nas Bases de Dados em C&T Brasileiras

Serão estudados no presente trabalho os seguintes indicadores de pesquisa: Grupos de Pesquisa, Pesquisadores, Pesquisadores Doutores, Linhas de Pesquisa, a distribuição da pesquisa em Comunicação nas áreas de atuação indexadas pelos grupos de pesquisa (DGP), a capacidade de formação de recursos humanos em pesquisa através da análise de dados Pós Graduação em Comunicação.

Nas tabelas apresentadas, pretende-se organizar a leitura destes indicadores, estabelecendo uma hierarquia de capacitação científica-tecnológica das Instituições de Ensino Superior (IES), apresentando o contingente de recursos humanos com treinamento especializado que atuam na área de Comunicação. Os dados trabalhados são capazes de reconhecer o crescimento e a distribuição desses indicadores por Unidade da Federação, por Instituição e por Grupo de Pesquisa.

Para este estudo foram utilizados as seguintes bases de dados:

- Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Censo 2002: criado pelo CNPq desde 1992, esta base contém informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no País. As informações constantes na base dizem respeito aos recursos humanos constituintes dos grupos, às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, aos cursos de mestrado e doutorado com os quais o grupo interage, à produção científica e tecnológica e aos padrões de interação com o setor produtivo.
- Fundação Capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: nessa base de dados podemos encontrar informações sobre os Programas de Pós Graduação



reconhecidos e novos em todas as áreas do conhecimento, tais como o número de docentes e discentes por programa, titulação por ano e médio no tempo de titulação por região, estado e instituição, bem como as áreas de concentração dos programas de PG.

## **2.1 GRUPOS DE PESQUISA:**

Para melhor entendimento da análise proposta neste estudo é necessário esclarecer alguns aspectos metodológicos básicos. Um deles é o conceito de Grupo de Pesquisa, Linhas de Pesquisa e Setores de Atividade.

O Grupo de Pesquisa é, atualmente, um indicador de desempenho da ciência brasileira que vem auxiliando o entendimento sobre a distribuição da pesquisa no Brasil e a qualificação da comunidade científica, disponibilizado na Internet através do Diretório dos Grupos de Pesquisa, com livre acesso à consulta. Esta base de dados é, atualmente, composta de bases de dados do próprio CNPq (Grupos de Pesquisa, Currículos Lattes e Sistema Gerencial de Fomento - SIGEF) e da Capes.

O conceito de grupo, construído desde o início do projeto do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), em 1992, continua o mesmo. Admite um grupo composto de apenas um pesquisador. Na quase totalidade desses casos, os grupos se compõem do pesquisador e de seus estudantes. Trata-se de um grupo de pesquisadores, estudantes e pessoal de apoio técnico que está organizado em torno à execução de linhas de pesquisa, em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças segundo uma regra hierárquica fundada na experiência, no destaque e na liderança no terreno científico ou tecnológico. Esse conjunto de pessoas utiliza, em comum, facilidades e instalações físicas. Como se vê, a(s) linha(s) de pesquisa subordinam-se ao grupo, e não o contrário. Cada pesquisador poderá participar de até três grupos e este pesquisador aparecerá em todos os grupos de que declarou tomar parte e que foram certificados pela instituição (BRASIL/ MCT/CNPq/DGP, 2002).

## **2.2 SETOR DE ATIVIDADE E LINHA DE PESQUISA:**

O conceito de Setores de Atividade em pesquisa é complementar à clássica utilização da árvore das grandes áreas, áreas e subáreas e especialidades do conhecimento. Seu



desenvolvimento deu-se a partir da crescente dificuldade dessa árvore organizar o conhecimento contido nos campos interdisciplinares de pesquisa, cada vez mais freqüentes. Enquanto essa árvore das grandes áreas, etc., agrupa o saber científico e tecnológico segundo recorte teórico-metodológico, os setores estão interessados na aplicação ou finalidade da pesquisa. (BRASIL/MCT/ CNPq, 2002).

As Linhas de Pesquisa dizem respeito ao tema de investigação das áreas de concentração. Estes temas podem estar associados a diferentes áreas do conhecimento, como aliás, ocorre freqüentemente na área de Comunicação. (BRASIL/ MCT/ CNPq, 2002).

### **3 O Perfil da Pesquisa em Comunicação no Brasil**

Na área de Comunicação no Brasil atuam 161 Grupos de Pesquisa, um crescimento de 1,6 em relação à versão 4.1 do DPG. A área passou de 0,8% (95 grupos de pesquisa) dos grupos de pesquisa no país, para uma representação de 1,06% dos 15.158 grupos consolidados e em consolidação no Brasil. Nesses grupos encontram-se 701 pesquisadores, representando 0,83% do total de 83.850 pesquisadores vinculados ao CNPq (BRASIL/ MCT/CNPq, 2003).

Apesar da pequena representação em relação a outras áreas do conhecimento, um aspecto que tem colaborado para o crescimento da área são os Programas de Pós-Graduação, que desde a década de 70 dobraram sua representatividade (CAPPARELLI; STUMPF, 1998, p. 128).

Como mostra a Tabela 1 atualmente existem 19 programas de pós-graduação em Comunicação regulamentados pela Fundação CAPES do Ministério da Educação, (BRASIL/MEC/CAPES, 2003). Onze desses programas são de Mestrado e Doutorado (M/D), os outros oito atuam somente no Mestrado (M).

Nas áreas de Comunicação São Paulo tem 7 programas (4 Mestrado/Doutorado e 3 Mestrado), Rio Grande do Sul 3 programas (1 Comunicação e Informação- M/D e 2 M/D em Comunicação), Rio de Janeiro 4 programas (2 M/D e 2 Mestrado), a Bahia e o Distrito Federal têm 1 programa (M/D), Pernambuco, Minas Gerais, Paraná e têm 1 programa (somente de Mestrado). Portanto, mais de 79% dos programas de Pós-graduação em Comunicação estão concentrados na região sul-sudeste.

Tabela 1. Programas de Pós-Graduação divididos por Estado, IES, Programas, Área de Atuação e Nível de Treinamento

IES	Programa	Nível
<b>São Paulo</b>		
UNIP	Comunicação	M
USP	Ciência da comunicação	M/D
UNIMAR	Comunicação	M
UNESP-BAU	Comunicação	M
PUC-SP	Comunicação e semiótica	M/D
UMESP	Comunicação social	M/D
UNICAMP	Multimeios	M/D
<b>Rio Grande do Sul</b>		
UNISINOS	Ciência da comunicação	M/D
UFRGS	Comunicação e informação	M/D
PUC-RS	Comunicação social	M/D
<b>Bahia</b>		
UFBA	Comunicação e culturas contemporâneas	M/D
<b>Rio de Janeiro</b>		
PUC-RJ	Comunicação	M
UERJ	Comunicação	M
UFF	Comunicação, imagem e informação	M/D
UFRJ	Comunicação	M/D
<b>Pernambuco</b>		
UFPE	Comunicação	M
<b>Minas Gerais</b>		
UFMG	Comunicação social	M
<b>Paraná</b>		
UTP	Comunicação e linguagens	M
<b>Distrito Federal</b>		
UNB	Comunicação	M/D

Fonte: BRASIL/ MCT/CNPq/ Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil (Censo 2002).  
Acesso em: 02 de abril, 2003

Para melhor compreender a estrutura dos programas de pós-graduação em Comunicação, a Tabela 2 apresenta as datas de recomendação pela CAPES, o número de docentes e de discentes vinculados em cada um deles. Percebemos aqui que o início da Pós-Graduação na Comunicação foi na década de 70. Porém a década que concentrou maior número de cursos novos foi a década de 90. Mais da metade dos programas de doutorado foram criados a partir de 1998.

Tabela 2 - Distribuição dos Cursos de Pós Graduação por Data de Recomendação, com o Número de Docentes e Discentes em 2001

Nome do Curso	IES	Data de Recomendação		N.º de Docentes	N.º de Discentes	B/A
		M	D	A	B	
Comunicação	UFRJ	1972	1983	35	168	4,8
Comunicação	UNB	1974	2002	12	58	4,8
Comunicação e Semiótica	PUCSP	1978	1978	28	397	14,2
Comunicação Social	UMESP	1978	1999	18	127	7,1
Multimeios	UNICAMP	1988	1999	20	82	4,1
Comunicação e Cultura Contemporânea	UFBA	1991	1994	25	60	2,4
Ciências da Comunicação	UNISINOS	1994	1998	24	69	2,9
Comunicação e Informação	UFRGS	1995	2000	15	36	2,4
Comunicação Social	PUCRS	1995	1999	22	88	4,0
Comunicação Social	UFMG	1997	0	11	24	2,2
Comunicação, Imagem e Informação	UFF	1997	2002	16	33	2,1
Ciências da Comunicação	USP	1998	1998	102	576	5,6
Cominicação e Linguagem	UTP	1999	0	12	34	2,8
Comunicação	UFPE	2001	0	9	18	2,0
Comunicação	UNIP	2002	0	9	44	4,9
<b>Total</b>				<b>358</b>	<b>1814</b>	<b>5,1</b>

Fonte: BRASIL/ MEC/Fundação CAPES/ Estatísticas da Pós-graduação (2001). Acesso em: 01 e 02 de abril, 2003

A Tabela 2 também mostra que nos anos 80 houve uma interrupção na criação de novos cursos de Mestrado e Doutorado, voltando somente na década seguinte. Outro fator importante a ser estudado são os números de docentes e discentes. Fazendo a média geral do total desses números, a quantidade de alunos de pós-graduação para cada docente é de 5,1. Porém, avaliando cada Instituição separadamente percebe-se algumas distorções. Os dados apresentados nas Estatísticas da Pós-graduação para o ano de 2001, apresentou na PUCSP uma média de 14,2 discentes por docentes e na UMESp 7,1. As outras Instituições se dividem em dois grupos distintos, metade com uma média de 2,4 e a outra metade com uma média de 4,8 discentes para cada docentes, relações compatíveis com o nível do treinamento.

O número de titulados e o tempo de titulação desses jovens pesquisadores em todas as áreas do conhecimento é tema constante de debates e importante fator de avaliação da pós-graduação no Brasil. Os prazos que a Fundação CAPES recomenda para a titulação de mestrandos e doutorandos tem sido principal preocupação dos programas e pesquisadores também na área de Comunicação.

A Tabela 3 mostra que no ano de 2001, 411 novos mestres e 105 doutores em Comunicação foram titulados pelo sistema de pós-graduação brasileiros. A região Sudeste, por concentrar o maior número de programas em Comunicação, titulou 85% do total Mestres e 100% de Doutores do país, com visível destaque para o programa de pós-graduação da USP, tanto em números de titulados como na quantidade de discentes que agrega. Porém o tempo médio de titulação tanto no Mestrado quanto no Doutorado desta instituição é o maior apresentado, 52 meses e 60 meses respectivamente, enquanto o recomendado pela CAPES é 24 meses para o Mestrado e 48 meses para o Doutorado.

Tabela 3. Distribuição dos Programas de PG em Comunicação por IES, número de alunos de mestrado e doutorado e tempo médio de titulação – 2001

IES	Nome do Curso	N° de Titulados		Tempo médio de titulação (*)	
		M	D	M	D
<b>São Paulo</b>					
PUCSP	Comunicação e Semiótica	71	34	31	53
UMESP	Comunicação Social	26	2	23	46
UNICAMP	Multimídios	30	2	37	44
USP	Ciências da Comunicação	106	30	52	60
UNESP-BAU	Comunicação	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.
UNIMAR	Comunicação	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.
UNIP	Comunicação	20	0	38	0
<b>Rio de Janeiro</b>					
UFRJ	Comunicação	69	34	28	54
UFF	Comunicação, Imagem e Informação	14	0	38	0
PUC-RIO	Comunicação	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.
UERJ	Comunicação	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.
<b>Bahia</b>					
UFBA	Comunicação e Cultura Contemporânea	6	3	34	49
<b>Minas Gerais</b>					
UFMG	Comunicação Social	8	0	28	0
<b>Rio Grande do Sul</b>					
UNISINOS	Ciências da Comunicação	10	0	38	n.i.
UFRGS	Comunicação e Informação	8	0	41	0
PUCRS	Comunicação Social	28	0	33	0
<b>Paraná</b>					
UTP	Comunicação e Linguagem	0	0	0	0
<b>Distrito Federal</b>					
UNB	Comunicação	7	0	30	0
<b>Pernambuco</b>					
UFPE	Comunicação	8	0	39	0
<b>Total</b>		<b>411</b>	<b>105</b>	<b>32,7</b>	<b>20,4</b>

n.i. = não informado

(\*) Tempo médio de titulação em meses

Fonte: BRASIL/ MEC/Fundação CAPES/ Estatísticas da Pós-graduação (2001). Acesso em:

02 de abril, 2003

Em 2001 a região Sul não titulou nenhum aluno de Doutorado em função do tempo em que estes cursos estão em funcionamento. A região sudeste ainda concentra 79,5% dos alunos de mestrado e 89,6% dos alunos de doutorado matriculados no final do ano de 2001.

A situação da pós-graduação, como já foi dito, está intimamente ligada à pesquisa em Comunicação. A Tabela 4 apresenta a distribuição dos Grupos de Pesquisa em Comunicação no país, importante conceito na organização do sistema C&T brasileiro.

Tabela 4. Número de Grupos de Pesquisa, de Pesquisadores, Pesquisadores Doutores e de Linhas de Pesquisa da Área de Comunicação por Unidade da Federação

N.º	IES	Grupos	Pesquisadores		Pesquisadores Doutores		Linhas de Pesquisa
			N.º	%	N.º	%	
1	São Paulo	37	233	33,2	144	20,5	84
2	Rio Grande do Sul	34	75	10,7	42	6,0	47
3	Bahia	17	52	7,4	27	3,9	27
4	Rio de Janeiro	11	36	5,1	24	3,4	22
5	Pernambuco	9	46	6,6	20	2,9	14
6	Minas Gerais	8	36	5,1	26	3,7	16
7	Paraná	8	48	6,8	14	2,0	10
8	Distrito Federal	6	37	5,3	18	2,6	6
9	Santa Catarina	5	15	2,1	6	0,9	11
10	Espírito Santo	4	11	1,6	4	0,6	9
11	Goiás	4	23	3,3	7	1,0	11
12	Mato Grosso do Sul	4	19	2,7	6	0,9	9
13	Paraíba	3	3	0,4	3	0,4	6
14	Sergipe	3	23	3,3	3	0,4	7
15	Ceará	2	13	1,9	4	0,6	3
16	Maranhão	2	10	1,4	4	0,6	4
17	Rio Grande do Norte	2	10	1,4	5	0,7	6
18	Alagoas	1	6	0,9	4	0,6	4
19	Amazonas	1	5	0,7	2	0,3	3
<b>Total</b>		<b>161</b>	<b>701</b>	<b>100</b>	<b>363</b>	<b>51,8</b>	<b>299</b>

Fonte: BRASIL/ MCT/CNPq/ Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil (Censo 2002).  
Acesso em: 02 de abril, 2003

Nos 161 grupos de pesquisa da área de Comunicação, atuam 701 pesquisadores, sendo destes, 363 pesquisadores doutores. A área teve um crescimento de 23,2% no número de pesquisadores atuando nos grupos de pesquisa, e passou de 47,6% de pesquisadores doutores, para o percentual de 51,8% em relação a versão 4.1 do DGP, indicando uma maturidade da comunidade científica e uma preocupação com a capacitação da pesquisa na área.

Como já foi dito, a Comunicação representa hoje 1,06% dos grupo de pesquisa no país. Na distribuição destes grupos, a Tabela 4 confirma uma tendência de concentração da pesquisa em comunicação apontada em (GOMES, 2002). O Estado de São Paulo ocupa a



primeira posição com 37 grupos registrados em suas IES (23% do total da área), seguido do Rio Grande do Sul com 34 grupos (21,1%), Bahia com 17 grupos (10,6%) e Rio de Janeiro com 11 grupos (6,8%). Atuam nesses quatro estados o maior número de Grupos de Pesquisa em Comunicação (61,5%). Os demais 62 grupos de pesquisa estão distribuídos nos outros Estados brasileiros e representam 38,5% do total de grupos na área.

A distribuição estadual desses pesquisadores se concentra nos oito primeiros Estados brasileiros citados na tabela 4. Nesses Estados estão alocados 80,2% dos pesquisadores em Comunicação no Brasil, dos quais 274 possuem titulação de doutorado (80,8% dos pesquisadores doutores dessa área no país).

São Paulo, o primeiro Estado em número de grupos, pesquisadores e linhas de pesquisa, nos mostra 37 grupos onde atuam 233 pesquisadores (33,2% do total da área) e 144 pesquisadores doutores (39,6% do total da área). O crescimento deste Estado se manteve nos grupos de pesquisa. Com 5 grupos a mais que no censo 2002, houve uma diminuição no número de pesquisadores trabalhando nesses grupos, passando de 260 para 233. Apesar disso, melhorou a relação de pesquisadores doutores, uma vez que 61% dos pesquisadores são doutores.

O crescimento do Rio Grande do Sul nos dois últimos anos na área de Comunicação foi expressivo, comparado apenas com o Estado da Bahia, que será descrito posteriormente. Triplicou o número de grupos de pesquisa, passando de 11 grupos no censo 2000 do DGP para 34 grupos no censo 2002. Também o crescimento no número de pesquisadores atuando em pesquisa é mais que o dobro, passando de 34 (6,31% do total de pesquisadores na área) para 75 pesquisadores (10,7% do pesquisadores na área) e as linhas de pesquisas que passaram de 21 para 47.

A Bahia passou do 9º lugar para terceiro lugar no Censo 2002 do Diretório dos Grupos de Pesquisa. Como o Rio Grande do Sul, triplicou o número de grupos de pesquisa (de 4 para 17 grupos) e de pesquisadores doutores (8 pesquisadores doutores para 27) e aumentou quatro vezes o número de pesquisadores (de 13 para 52).

O Rio de Janeiro fica em quarto lugar com um pequeno aumento de 7 para 11 grupos de pesquisa, de 32 para 36 pesquisadores, de 15 para 24 pesquisadores doutores e a quantidade de linhas de pesquisa passou de 19 para 22 linhas.



O crescimento dos demais estados não foi muito significativo confirmando a tendência de consolidação da comunidade científica existente. Vale destacar a inserção de mais cinco estados na pesquisa em Comunicação: Goiás, com 4 grupos, 23 pesquisadores e 3 pesquisadores doutores; Paraíba, 3 grupos, 3 pesquisadores doutores; Ceará, 2 grupos com 13 pesquisadores e 4 pesquisadores doutores; Maranhão com 2 grupos, 10 pesquisadores e 5 pesquisadores doutores e Amazonas, com 1 grupo, 5 pesquisadores e 2 pesquisadores doutores.

As médias gerais indicam 4 pesquisadores por grupo de pesquisa; 2 doutores por grupo e 2 Linhas de Pesquisa por grupo. Essa análise revela o contingente de cientistas integrados à Instituição, tanto na atividade de pesquisa quanto na formação de recursos humanos nos programas de pós-graduação. As melhores médias na relação número de pesquisadores por Grupos de Pesquisa são dos Estados de Sergipe (8 pesquisadores/grupo), São Paulo (6), Distrito Federal (6), do Paraná (6), Pernambuco (5). Já o Rio Grande do Sul tem apenas 2 pesquisadores/grupo de pesquisa.

A Tabela 5 apresenta o número de grupos de pesquisa, pesquisadores e pesquisadores Doutores, os estudantes distribuídos entre as IES. O ranking apresentado está regido pelo indicador Grupo de Pesquisa e mostra que 60% dos grupos do país estão alocados em 16 Instituições de Ensino Superior.

A UFBA tem o maior número de grupos de pesquisa em Comunicação registrados no país. São 13 grupos que representam 8% dos grupos na área. Nesses grupos trabalham 35 pesquisadores, uma média de 2,6 pesquisadores por grupo.

Na versão 4.1 do Diretório dos grupos de Pesquisa (2000), a USP ocupava a primeira posição com 19 grupo de pesquisa, 102 pesquisadores, 62 estudantes e 49 linhas de pesquisa e pode-se observar que agora tem somente 7 grupos trabalhando com 30 pesquisadores, 31 estudantes e 28 linhas de pesquisa. Esta reformulação deve ser uma iniciativa inspirada no processo de avaliação do programas de pós-graduação da CAPES e que deverá refletir futuramente no tempo de titulação de seus estudantes de pós-graduação em Comunicação desta instituição, seguindo os moldes da política de C&T vigente no país. Basta apenas acompanharmos o desempenho da pesquisa desta instituição para que se possa avaliar os benefícios de tais mudanças.

Tabela 5. Número de Grupos de Pesquisa, Pesquisadores, Pesquisadores Doutores, Estudantes e Linhas de Pesquisa em Comunicação por Instituição

Nº	IES	Grupos		Pesquisadores	Pesquisadores Doutores	Estudantes	Linhas de Pesquisa
		N.º	%				
1	UFBA	13	8,0	35	20	29	22
2	UNISINOS	11	6,8	18	16	24	12
3	PUCRS	9	5,5	21	14	31	13
4	PUC-SP	9	5,5	72	41	61	15
5	USP	7	4,3	30	28	31	18
6	UFPE	6	3,7	29	17	35	10
7	UFSM	6	3,7	16	6	22	9
8	UFF	5	3,1	6	6	17	7
9	UNB	5	3,1	30	16	24	5
10	PUCCAMP	4	2,4	14	7	20	8
11	UFES	4	2,4	11	4	3	9
12	UFG	4	2,4	23	7	15	11
13	UFJF	4	2,4	23	15	2	6
14	UNESP	4	2,4	36	25	1	4
15	UTP	4	2,4	25	13	4	4
16	UERJ	3	1,8	17	12	1	5
17	UFPB	3	1,8	3	3	11	6
18	UFRGS	3	1,8	5	4	0	5
19	UMESP	3	1,8	11	10	0	3
20	UFMA	2	1,2	10	4	8	4
21	UFMG	2	1,2	9	7	15	3
22	UFMS	2	1,2	6	2	6	6
23	UFRJ	2	1,2	4	4	3	8
24	UFRN	2	1,2	10	5	4	6
25	UNICAMP	2	1,2	22	20	1	4
26	UNICAP	2	1,2	13	3	0	3
27	UNIDERP	2	1,2	13	4	1	3
28	UNIT	2	1,2	12	0	1	4
29	UNIVALI	2	1,2	3	1	7	4
<b>Subtotal</b>		<b>127</b>	<b>77,3</b>	<b>527</b>	<b>314</b>	<b>377</b>	<b>207</b>
Demais		34	22,7	174	59	53	65
<b>Total</b>		<b>161</b>	<b>100</b>	<b>701</b>	<b>373</b>	<b>430</b>	<b>272</b>

Fonte: BRASIL/ MCT/CNPq/ Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil (Censo 2002).  
Acesso em: 02 de abril, 2003

Algumas distorções ainda são visíveis, como é o caso da UNESP com 36 pesquisadores distribuídos em 4 grupos envolvidos com 4 linhas de pesquisa (9 pesquisadores por linha de pesquisa) contrastando com apenas 1 estudante para esses 4 grupos. A UNB com 5 grupos de pesquisa apresenta 30 pesquisadores e 24 estudantes para 5 linhas de pesquisa, o que significa dizer que existem 10,8 pessoas pesquisando para cada linha de pesquisa. A UNICAMP com 2 grupos de pesquisa e 22 pesquisadores trabalhando com 4 linhas de pesquisa, traz, a exemplo da UNESP, somente 1 estudante. Esse dado quando analisado pela disparidade dos Grupos de

Pesquisa e o número de pesquisadores de cada instituição, revela uma característica peculiar da área, onde freqüentemente observa-se a existência de um grupo de pesquisa com grande número de pesquisadores e doutores e poucas Linhas de Pesquisa. O contrário também ocorre, onde os líderes de pesquisa atuam muito isoladamente. A UFRGS, é um exemplo disso, com 3 grupos de pesquisa, 5 pesquisadores e nenhum estudante envolvido nas 5 linhas de pesquisa em andamento. No caso da UFRGS não ter nenhum estudante em todos os níveis de treinamento envolvidos com os grupos pode sugerir que a instituição ainda enfrente problemas na alimentação dos dados do DGP, fato que é de inteira responsabilidade da instituição que deve acompanhar os números e as estatísticas do sistema de C&T.

Este estudo pretende colaborar para a identificação das tendências das temáticas de pesquisa em Comunicação. Mais de 70% dos Grupos de Pesquisa em Comunicação têm de uma a duas Linhas de Pesquisa a ele vinculada. Estas estão concentradas nas seguintes subáreas: Teoria da Comunicação, Comunicação, Comunicação Visual, Teoria e Ética do Jornalismo, Relações Públicas e Propaganda, Jornalismo Especializado e Jornalismo e Editoração, concentrando juntas mais de 72% do esforço de pesquisa, conforme mostra a Tabela 6.

Tabela 6. Áreas e Subáreas de Concentração da Pesquisa em Comunicação

Nº	Áreas e Subáreas do Conhecimento	Nº de Linhas de Pesquisa	%
1	Teoria da Comunicação	106	25,7
2	Comunicação	82	19,9
3	Comunicação Visual	34	8,3
4	Teoria e Ética do Jornalismo	21	5,1
5	Relações Públicas e Propaganda	21	5,1
6	Jornalismo Especializado	18	4,4
7	Jornalismo e Editoração	16	3,9
8	Rádio e TV	13	3,2
9	Videodifusão	8	1,9
10	Outras Sociologias Específicas	8	1,9
11	Organização Editorial de Jornais	7	1,7
12	Não Informado	7	1,6
13	Antropologia	5	1,2
14	Cinema	5	1,2
<b>Subtotal</b>		<b>351</b>	<b>85</b>
Demais		61	15
<b>Total</b>		<b>412</b>	<b>100</b>

Fonte: BRASIL/ MCT/CNPq/ Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil (Censo 2002).

Acesso em: 02 de abril, 2003

Subtotal	249	82,7
----------	-----	------

Nesse censo verificou-se ainda a pouca especificidade alcançada pelos grupos no enquadramento dos temas de pesquisa no DGP. Exemplo disso é que 19,9% das linhas são indexadas como Comunicação e 25,7% em Teorias da Comunicação. Não foi verificado, no entanto, como no censo 2000 a designação de outras áreas ou subáreas.

Outro conceito importante para auxiliar a comunidade científica de todas as áreas a delimitar a atuação dos Grupos de Pesquisa sugerida pelo DGP é o Setor de Atividade. Como mostra a Tabela 7, a área de Comunicação apresenta, nas informações fornecidas pela comunidade acadêmica, uma dificuldade de enquadramento dos temas de suas Linhas de Pesquisa por Setor de Atividade. No indicador Setor de Atividade predominam Linhas de Pesquisa indicadas como “Outros Setores” (32,6%), pertencente a setores não constantes no DGP.

Tabela 7. Distribuição de Linhas de Pesquisa por Setor de Atividade na Área de Comunicação

	Demais	Nº de	17,3
	Total	301	100
	Setor de Atividade	de	%
		Pesquisa	
1	Outros setores	98	32,6
2	Educação	43	14,3
3	Industria da Imprensa, de discos, fitas, vídeos e filmes	41	13,6
4	Educação Superior	28	9,3
5	Produtos e Serviços recreativos, culturais, artísticos e desportivos	22	7,3
6	Formação permanente à outras atividades de ensino, educação especializada e à distância	17	5,6

Fonte: BRASIL/ MCT/CNPq/ Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil (Censo 2002).  
Acesso em: 02 de abril, 2003

Assim, os Setores de Atividade predominantes na Linhas de Pesquisa em Comunicação são: Outros setores (32,6%), Educação (14,3%) e Industria da imprensa, de discos, fitas, vídeos e filmes (13,6%). Os demais setores abrangem 39,5% das pesquisas em Comunicação junto aos grupos das diversas instituições do país.



## **Conclusão**

A disponibilidade dos bancos de dados cada vez mais eficientes vem permitindo, de forma expressiva, o desenvolvimento de análises das características da comunidade científica brasileira em cada área do conhecimento. Utilizando os bancos de dados mencionados, foi possível fazer um breve diagnóstico da situação da área de Comunicação no Brasil.

Comparar a evolução da área nas duas versões do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (2000 e 2002), ferramenta principal deste estudo, os dados mostram um crescimento da capacitação científica da área, mas aponta também, uma certa fragilidade nas atividades de pesquisa, apresentando, como consequência, dificuldades de acompanhar o desempenho de áreas mais tradicionais em pesquisa no Brasil. Parte dessas dificuldades resulta da constatação de que a área apresenta ainda certo grau de imaturidade, situação agravada por uma concentração de pesquisadores em Grupos de Pesquisa e/ou na fragmentação dos grupos centrados em pesquisadores individualizados.

Observa-se que a inclusão de estudantes da PG nos Grupos de Pesquisa, uma praxe permitida e recomendada pelo DGPB e muito utilizada nas áreas profissionalizadas da C&T no Brasil, ainda é muito pequena na área de Comunicação, principalmente nos níveis de Mestrado e Doutorado, aspecto que deve ser contornado pela comunidade científica, pois o envolvimento desses jovens pesquisadores fortalece os grupos de pesquisa e aumenta a curto prazo a produtividade da área.

A evolução dos dados da versão 4.1 do ano 2000 para o Censo 2002 do DGP ainda parece indicar que a pesquisa na área de Comunicação não está organizada de acordo com a definição de grupo de pesquisa. Problemas de alimentação de dados de estudantes nos grupos, a diminuição drásticas no número de grupos e pesquisadores registrados na base de dados entre uma versão e outra são visíveis em algumas instituições. A Comunicação parece estar organizada em torno do regimento da Pós-Graduação, pois as linhas de pesquisa direcionam a atividade científica da área e não o grupo como recomenda o CNPq com o conceito de grupo de pesquisa.

Estudos mais aprofundados e de consulta à comunidade científica da Comunicação deverão ser feitos para saber qual o entendimento da área sobre o conceito de grupo de pesquisa. Essa discussão deverá interessar aos estudantes, principalmente de pós-graduação,



pois através dela poderá ser articulada uma carreira científica aos estudantes das áreas de Comunicação, uma oportunidade desejada e que poderá estar na base da maturidade da comunidade científica.

O que se recomenda é que a área discuta seu posicionamento diante das políticas nacionais de C&T e não somente com a política de avaliação da Pós-graduação. A qualificação da atividade científica através do conceito de Grupo de Pesquisa deverá ser estudada pela comunidade como uma oportunidade de agregar pesquisadores e estudantes em atividades de pesquisa em grupo e não mais individualizada como se caracteriza a área de Comunicação. Outra necessidade da área que poderá ser alcançada é a autonomia para solicitação de recursos para projetos com maior fôlego e envolvimento de pessoal, como o CNPq incentiva em outras áreas do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**: versão 4.1. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/dgp.html>>. Acesso em: 02 abr. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Avaliação da pós-graduação – 1998: síntese do resultados. Brasília : Capes/DAV, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Brasília. 2002. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 01 e 02 abr. 2003.

CAPPARELLI, Sérgio; STUMPF, Ida Regina .C. A constituição da comunicação no Brasil como campo de conhecimento multidisciplinar. In: KRIEGER, Maria da Graça; ROCHA, Marininha A.(orgs.). **Rumos da pesquisa – múltiplas trajetórias**. Porto Alegre: UFRGS. Propesq, 1998. p. 128-140: il.

GOMES, J. A área de comunicação nos bancos de dados em ciência e tecnologia no Brasil **In: XII ENDOCOM e XXV Congresso Brasileiro de Comunicação**, Salvador, 2002. 1 CD-ROM.